Entrevista

Teatro com orgulho de ser popular

César Vieira, nome artístico do advogado Idibal Pivetta, torna-se Doutor Honoris Causa da Unesp

O dramaturgo César Vieira, nome adotado pelo advogado Idibal Pivetta, recebeu, em novembro, o título de Doutor Honoris Causa da **Unesp**. A cerimônia foi no circo instalado no Câmpus da Barra Funda, em São Paulo. Nascido em 1931, em Jundiaí, SP, o advogado, dramaturgo e jornalista presidiu o centro estudantil do Colégio Bandeirantes e os centros acadêmicos da Faculdade Cásper Líbero, onde estudou Jornalismo, e da PUC-SP, onde fez Direito. Em 1958, presidiu a União Nacional dos Estudantes (UNE) e foi membro da Casa Civil do governo do Estado de São Paulo, em 1960. Advogado na defesa de presos políticos entre 1964 e 1971, foi autor e militante no meio teatral, tendo cinco peças proibidas pela censura. Ficou preso por 90 dias no Doi-Codi (Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna), no Deops (Departamento de Ordem Política e Social) e no Presídio do Hipódromo, em São Paulo, em 1973. Em 1966, fundou o Teatro Popular União e Olho Vivo, que dirige até hoje. Recebeu os prêmios Vladimir Herzog, em 1988; de Direitos Humanos Santo Dias, em 2003; Zumbi dos Palmares, em 2008; e Milton Santos, em 2009. Com quase 80 anos, ainda se desdobra nas atividades de diretor teatral e advogado. **(Oscar D'Ambrosio)**

Nossa opção foi levar o teatro e trocar experiências com o povo que está marginalizado da cultura

Fotos Daniel Patire

A apresentação do grupo Teatro Popular União e Olho Vivo agradou aos participantes da homenagem a César Vieira

Jornal Unesp: *Como surgiu o pseudônimo César Vieira?*

Idibal Pivetta: Como eu era advogado de presos políticos, tudo que escrevia e encaminhava era sumariamente proibido durante a ditadura. Adotei então o nome artístico de César Vieira e mandei algumas peças para a censura, obrigatória na época. Os textos foram então liberados. Isso provou que a proibição recaía sobre meu nome como advogado, não sobre o conteúdo das peças.

JU: *Como surgiu esse envolvimento com o teatro?*

Pivetta: Uma tia, hoje com 96 anos, gostava muito e me levava desde os 5 anos. A primeira peça a que eu assisti foi *Um deus dormiu lá em casa*, com Tônia Carrero e Paulo Autran, no Teatro Cultura Artística. Ela ainda me levava aos espetáculos do Teatro Brasileiro de Comédia. Depois, comecei a ver peças no Teatro de Arena. Ali, conheci o Augusto Boal. Ele foi meu professor na Escola de Arte Dramática e depois eu fui advogado dele. Comecei no Direito como forma de sobrevivência, procurando defender causas que eu achava justas, e passei também a trabalhar com teatro popular.

JU: *Como foi a fundação do Teatro Popular União e Olho Vivo?*

Pivetta: Foi em meados de 1966. Alguns alunos do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito da USP, resolveram reativar um antigo grupo teatral que se chamava Teatro do XI com uma peça mais atual. Me solicitaram a cessão do espetáculo *Evangelho segundo Zebedeu*, que conta, por meio da linguagem circense, a história da Guerra de Canudos. Assim começou o Teatro Popular União e Olho Vivo.

JU: *Por que esse nome?*

Pivetta: O grupo estava montando o espetáculo chamado *Rei Momo* e um dos personagens, D. Pedro I, escrevia cartas nas quais sempre colocava no final: "Para vocês, eu desejo muita união e muito olho vivo". Como a opção era fazer teatro popular, de rua e na praça, surgiu o nome de Teatro Popular União e Olho Vivo, que perdura até hoje. Nossa opção foi levar o teatro e trocar experiências com o povo marginalizado da cultura, seja pelo preço, pela distância da oferta de bens culturais ou pela concorrência de outras atividades, como o futebol.

JU: *Quais são as experiências mais marcantes do grupo?*

Pivetta: Foram mais de 4.100 espetáculos em 44 anos de vida. Cerca de 1.500 foram feitos dentro de casas paroquiais, sacristias e altares. Terminando a missa, montávamos o cenário. *Bumba-meu-queixada*, que fala de greve, teve 1.200 apresentações, umas 800 em igrejas.

JU: *A recepção do público ao trabalho do grupo mudou após o final da ditadura?*

Pivetta: Mudou, mas não muito. O teatro continua inacessível a um público popular. As campanhas de popularização são benéficas, mas o público em geral não tem a possibilidade de chegar do emprego e assistir ao teatro no seu bairro, ainda mais com o cansaço e a concorrência da TV. O que há hoje é um vicejar de novos grupos de teatro. São pelo menos uns 20 dedicados a ir aos bairros e às praças públicas, em São Paulo. No nosso caso, o artista popular participa da encenação e faz o espetáculo para o público do seu próprio bairro. Do debate que promovemos, nascem novos grupos de teatro e entidades que lutam pelas necessidades dos bairros periféricos.

JU: *O que o teatro significa hoje para você?*

Pivetta: O teatro sempre é político. Mesmo quando fala de amor ou poesia, o tema é transformação, mudança, rebeldia e necessidade de colaborar com o próximo. Os jovens que gostam de teatro devem pensar nele como uma arte esteticamente bem feita, mas a serviço de uma ética humanitária. A estética deve estar a serviço da ética. Por isso, é muito importante que São Paulo tenha cerca de 30 grupos semelhantes ou até melhores que o Teatro Popular União e Olho Vivo, realizando essa troca de experiências culturais entre elenco e público nos bairros populares, em busca de melhores condições sociais, culturais e econômicas.

(O áudio da entrevista com Idibal Pivetta está disponível em <http://aci.reitoria.unesp.br/radio/perfil_literario>, sob o número 967.)